

Associação Nacional de História – ANPUH  
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

**Alemanha Turca em Preto-e-Branco: reelaboração identitária sob a ótica fotográfica**

Paula Martins de Barros Gioia<sup>1</sup>

**Resumo:** A fotografia tomada como fonte e objeto da pesquisa histórica empreende, neste trabalho, a reconstrução de uma história, baseando-se na poética visual do *intelectual* turco imigrado na Alemanha, Kemal Kurt. Trata-se de analisar a relação entre uma de suas obras (*Menschen.Orte*, 1999), sua *trajetória de vida* e as redes sociais tecidas. Através do cruzamento entre palavras e imagens buscou-se tratar dos conflitos e *jogos identitários* vividos pelas gerações mais jovens e pelos *intelectuais* no interior da comunidade étnica turca na Alemanha, na transição do século XX para o século XXI.

**Palavras-Chave:** Fotografia – Imigração – Identidade

**Abstract:** Using photography as the source and object of historical research, this work aims at the reconstruction of a history, based on the visual poetry of Kemal Kurt, a Turkish intellectual living as an immigrant in Germany. It involves the analysis of the relationship between one of his works (*Menschen.Orte*, 1999), the course of his life and the social networks he weaved. Through the juxtaposition of words and images, an attempt is made to address the conflicts and identity games experienced by younger generations and intellectuals within the ethnic Turkish community in Germany at the turn of the 20<sup>th</sup> to the 21<sup>st</sup> century.

**Keywords:** Photography – Immigration – Identity

Desde a infância tive contato com a experiência da imigração. Nasci em uma família italiana para a qual festas familiares eram sempre ocasiões dedicadas ao cultivo da culinária e das músicas típicas da terra de origem de nossos ancestrais. Mas, embora laços sanguíneos me remetam à Itália, foi com a Alemanha que me envolvi afetivamente anos mais tarde. Sendo estrangeira nesse país, atentei à singularidade da comunidade de imigrantes turcos no cotidiano local e desde a graduação empreendo estudos a seu respeito. Nesta exposição apresento os resultados finais de minha dissertação de mestrado, na qual relacionei fenômenos identitários observados no grupo a uma análise pelo viés da fotografia.

Kemal Kurt foi o fotógrafo que selecionei para guiar-me nesta investida. Kurt nasceu, em 1947, na Tráquia – região turca marcada pela miscigenação cultural. Vem de uma família muçulmana não ortodoxa, que apoiava as medidas de modernização do país. Desde cedo se mostrou sensível à literatura e aos seres humanos, assim como, curioso do novo, do diferente, do distante. Os livros o colocaram na estrada, marcando um caminho que não teria mais volta. Coursou o ginásio em um internato de língua inglesa em Istambul. A graduação em Engenharia fez em Ancara. Depois, seguiu para os Estados Unidos, onde se pós-graduou. O

---

<sup>1</sup> Mestre, Universidade Federal Fluminense, CNPq.

passo seguinte foi Berlim, onde, em 1976, sentimentos afetivos fez com que ali permanecesse. Sua vida foi marcada pelos deslocamentos, pela transposição de limites, pela descoberta de novos mundos, mas também por adaptações e controle dos sentimentos. Segundo ele, porém, a vida em redondezas estranhas alavanca turbulências positivas que incentivam a criatividade. Em seu caso, a fotografia – descoberta nos primeiros anos vividos na Alemanha – representou por quase uma década sua forma maior de expressão. Ela permitia-lhe transmitir ao mundo, em língua franca, o que via e sentia, lançar-se ao mundo, dar-se a ver e marcar sua presença. Com sua câmera registrou a realidade que encontrou ao chegar em Berlim. Uma realidade de mais de 15 anos de entrada de mão-de-obra turca na Alemanha.

No pós-Segunda Guerra Mundial, o continente europeu se tornou um importante pólo de atração de trabalhadores vindos de regiões em recessão, uma vez que apresentava grande déficit de mão-de-obra interna. Neste contexto, o governo alemão firmou, entre a década de 1950 e o início da década de 1970, acordos com alguns países, visando o recrutamento de mão-de-obra barata e pouco especializada vinda de tais regiões para preencherem postos de trabalho vagos na Alemanha. Em 1961, a Turquia foi incluída no programa. O processo migratório desencadeado por tal iniciativa constitui um dos casos mais representativos para se compreender o fenômeno mundial das imigrações envolvendo mão-de-obra barata nesse período. Para a Turquia era essa a chance ao acertamento de divisas e ao desafogamento do mercado de trabalho interno nos grandes centros urbanos. O governo turco também acreditava se tratar de um passo favorável rumo à sua inclusão na Comunidade Européia – fato que até hoje não se concretizou! Do ponto de vista individual, parecia ser a chance à construção de um padrão de vida mais digno no momento do retorno à terra natal.

Entre 1961 e 1973, entraram cerca de 866 mil trabalhadores turcos na Alemanha (JASMIN, 1999:148). Vale ressaltar que os indivíduos denominados de “turcos” ao longo desta exposição são, na verdade, originários de cerca de 47 etnias e confissões religiosas distintas (ŞEN, 2002:55), apesar dos dados oficiais os classificar como “turcos”, já que é sob tal nacionalidade estão todos registrados na Alemanha. Os primeiros anos vividos nesse país foram de extrema insegurança nos mais variados aspectos cotidianos. Viviam segregados em ambientes de trabalho de baixo escalão, cujas condições de trabalho, bastante precárias, não eram desejadas pela maioria dos alemães. Ainda na década de 1980 Kemal Kurt observou e registrou alguns desses locais.



**Imagem 1** – Berlim, 1981 (KURT, 1999:82)



**Imagem 2** – Berlim, 1980 (KURT, 1999:81)

Na imagem 1, produzida nas dependências de uma multinacional de eletroeletrônicos (*AEG*), Kurt apresenta um trabalhador, de origem turca trabalhando junto ao rotor de uma máquina de grande porte. Além das luvas, não utiliza nenhum outro equipamento de proteção. Na imagem, percebe-se a valorização da indústria e da máquina, que vem à frente, enquanto o operário vem no último plano. A ele eram destinados o serviço braçal, a graxa, o ruído que danifica os tímpanos e as substâncias tóxicas que contaminam.

A imagem 2 demarca a divisão de figuras e de espaços na sociedade local. Três trabalhadores turcos limpam janelas da Universidade Humboldt – como indicado na placa e na caixa do correio na parede. Enquanto os três só tinham acesso à parte externa do prédio, do outro lado das janelas eram formados estudantes da sociedade majoritária. Nessa imagem, Kurt imprime a divisão social do trabalho, observada no cotidiano, delimitando os espaços destinados à sociedade majoritária e à minoritária.

Com o passar dos anos observou-se melhorias em aspectos do dia-a-dia do imigrante, embora sua situação de submissão tenha permanecido. No cenário imobiliário, por exemplo, observou-se um desejo crescente de encontrar acomodações que permitissem a busca do restante da família que permanecera na Turquia. Já aí, atitudes preconceituosas por parte das imobiliárias contribuíram para a formação de guetos urbanos. Entretanto, esse fato possibilitou a formação de redes comunitárias e o desenvolvimento de uma economia interna ao grupo. Tais iniciativas estiveram ligadas ao setor de comércio e serviços, que, com o passar do tempo, direcionaram-se a indivíduos de toda a sociedade local.

Mas volto um pouco no tempo...

A crise mundial do petróleo, em 1973, levou o governo alemão a cessar todos os acordos bilaterais existentes e a baixar leis incentivando financeiramente o retorno dos estrangeiros a seus respectivos países de origem. Embora muitos turcos tenham aderido ao programa, um número significativo deles optou pela recomposição familiar em solo alemão, buscando o restante da família. Essa decisão marcava a constatação de que suas vidas estavam agora realmente centradas na Alemanha e que o desejo do retorno havia sido abandonado.

Kemal Kurt chegou à Alemanha em 1976, momento em que os filhos dos imigrantes, tornavam-se adultos e, gradativamente, começavam a dominar a vida nas cidades alemãs. Apesar das dificuldades escolares devido ao domínio precário do idioma, houve crianças que, após superarem as dificuldades dos primeiros anos, chegaram a posições de destaque no universo escolar e, mais tarde, na sociedade. Aos poucos, muitos de seus representantes, começavam a servir de elo entre seus pais e as instituições alemãs.



**Imagem 3** – Berlim, 1988 (KURT, 1999:8)

A imagem 3 metaforiza tal processo. Um homem cego caminha sobre a larga calçada de mãos dadas a uma criança. O menino enxerga e caminha sobre a estreita borda da calçada. A pequenina criança parece ser quem guia o adulto. A cena aponta para a relação de interdependência entre a primeira geração de imigrantes e seus sucessores. As gerações mais velhas são, de um modo geral, aquelas que cuidam do sustento da família, freqüentando ambientes de trabalho, como os já descritos, onde interagem quase exclusivamente com outros imigrantes. As crianças, por outro lado, se relacionam tanto com a comunidade de conterrâneos, como com o mundo externo aos guetos. Assim, além dos idiomas, dominam códigos culturais de ambos os grupos. Observo ainda a criança que caminha mais à frente,

também sobre a borda da calçada. Meio desequilibrada, esforça-se para não tombar para nenhum dos dois lados. É o sinal de que o domínio de ambos os códigos não é sinônimo de estabilidade. Mas prossegue em seu caminho confiante, sem olhar para trás. Está prestes a deixar o “verde-cinza” da grama, que remete aos campos da Turquia. A pequena caminha em direção aos carros, aos prédios, às massas humanas, à cidade dos ritmos rápidos, que serve de palco ao *hibridismo cultural*.

Nesse sentido, a prática e a preservação de tradições não impediu que muitas dessas crianças e jovens começassem a mesclar valores, interesses e performances de ambas as culturas com as quais interagiam diariamente. Porém, o duplo domínio dos códigos culturais deu início também a um longo e complexo processo de questionamentos e de rupturas naquilo que tange à *identidade* dessas gerações. O grande problema encontrado pelos indivíduos mais jovens é o de que a Alemanha se tornou sua casa e a Turquia apenas um país familiar. A Alemanha é seu referencial e onde suas vidas transcorrem. Entretanto, esse fato não foi bem aceito pela sociedade majoritária na Alemanha. Ao longo da década de 1990 observou-se, por exemplo, a ocorrência de inúmeros ataques de extrema-direita contra estrangeiros, em especial, contra os turcos, levando-os a refletir sobre sua condição e seu pertencimento. Não se identificam como alemães, tampouco como turcos. Porém, a sociedade alemã os classifica como turcos e a turca como não-turcos. Tratam-se, ao meu ver, de novas identidades, cujas características transcendem às fronteiras nacionais e que são marcadas pelo *hibridismo cultural*, próprio à situação de *diáspora*. Constituem grupos “entre culturas”, que jogam constantemente com diferentes identidades.

Eis a semelhança que estabeleço entre Kemal Kurt – e os *intelectuais* turcos na Alemanha – com as gerações mais jovens. Embora não vivesse no interior de guetos, engajou-se na luta pela melhoria das condições de vida das comunidades de imigrantes, apresentando-se como elo entre as sociedades minoritária e majoritária. A pequena igreja lotada em seu velório, reunindo ateus, muçulmanos e cristãos, mulheres e homens, crianças, adultos e idosos; deixou claro que Kurt era realmente um elo entre mundos. Entretanto, sua autobiografia, “*Was ist die Mehrzahl Von Heimat?*” (Qual o plural de lar?), deixa claro que ele se auto-indagou sobre seu pertencimento. Nesse sentido, os questionamentos de Kurt aparecem como uma das manifestações possíveis de um *jogo identitário* mais amplo, vivenciado coletivamente por imigrantes em diáspora, e mais especificamente, pelos turcos na Alemanha.

A constatação de Maurice Halbwachs de que a memória, apesar de coletiva, se manifesta individualmente, corrobora minha opção pelo trabalho com a obra de Kurt. Além

disso, percebo as obras de arte como detentoras de um caráter privilegiado para se acessar as visões de mundo. Por meio da arte Kurt torna-se um *mediador cultural* de seu grupo, utilizando-se da fotografia como elemento de síntese da experiência coletiva de imigrar. Para ele, mais do que para lembrar, o dispositivo fotográfico serve para definir algo, serve para criar. E através de seu olhar sintetizante expõe sua transindividualidade, demonstrando a dialética de sua representação. Kurt dedicou-se a revelar a realidade, os questionamentos e as incertezas vividos pelos imigrantes. O contraponto entre sua obra e outras fontes históricas possibilitou relacioná-la à realidade da época.

*Menschen.Orte* (Pessoas.Lugares) é o título da obra lançada em 1999 – em formato de livro e exposição itinerante – que selecionei para minha investida. Nela, o artista traça um panorama de seus aproximados 20 anos de trajetória fotográfica e dialoga com suas poesias. Berlim aparece como o carro-chefe da obra, mas, ao inserir imagens de outros locais do mundo, Kurt apresenta a experiência migratória como um fenômeno global, contextualizando os turcos na Alemanha dentro de uma realidade maior. “*Menschen.Orte* remete ao tema da aproximação e do encontro. [...] As imagens guiam a peculiaridade e o inusitado daquilo que é aparentemente habitual ao centro de interesse” ([www.kemalkurt.de](http://www.kemalkurt.de), acessado em 17/01/2007). São, portanto, os contrastes que dão corpo à *Menschen.Orte*. Contrastes e paradoxos que também permearam a vida de Kurt, mas que, de forma nada cega ou alienada, exalaram de seu fazer artístico. Aliaram-se ao *intelectual* Kemal Kurt na busca por uma posição alternativa e íntegra, que lhe permitisse denunciar a verdade. Assim, através da arte visual e literária, mais do que testemunha, foi também um crítico. E ao clicar em diferentes tempos, nos fala do presente.

No livro as 122 fotografias e 42 poesias não seguem uma ordem explícita. É como se representassem o mundo e os multifacetados elementos do cotidiano, difíceis de serem organizados pela mão humana. Já na exposição, Kurt empreende uma segunda tentativa, como se aspirasse, por meio dela ampliar o sentido do que narra. Parece ambicionar uma recriação e organização do mundo em imagens e palavras, porém reconhece que o mundo é bem mais amplo do que uma sala de exposições. 41 fotografias e 17 poesias foram selecionadas, adotando uma organização completamente nova. E essa sua nova tentativa serve de pilar à análise por mim empreendida.

Kurt começa apresentando, por meio da poesia, seus anseios, capacidades, necessidades, crenças, sonhos ou a ausência de tudo isso. Apresenta também *portraits* dos personagens que atuam nessa história que descreve e nesse mundo que almeja construir. São figuras que quase sempre olham para a câmera, mostrando abertamente suas faces e se

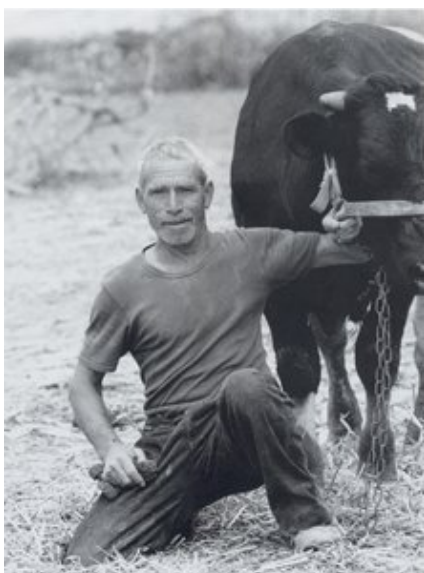
deixando fotografar (Imagens 4, 5, 6, 7, 8). Trata-se de uma história que passa pelos camponeses, pelos ciganos, pelos políticos, pelos idosos, pelas crianças. Uma história que vai além da Turquia e da Alemanha e que é multicolorida. Uma história de pessoas (*Menschen*) e de lugares (*Orte*). Uma história de lugares **de** pessoas (*Menschenorte*) e dos lugares **das** pessoas (*Orte der Menschen*). Por fim, uma história também de pessoas **em** lugares (*Menschen in den Orte*).



**Imagem 4** – Çorlu, 1981 (KURT, 1999:61)



**Imagem 5** – Berlim, 1986 (KURT, 1999:89)



**Imagem 6** – Istambul, 1984 (KURT, 1999:135)



**Imagem 7** – Berlim, 1984 (KURT, 1999:141)



**Imagem 8** – Malkara, 1984 (KURT, 1999:148)

Mas em terra estrangeira o imigrante nem sempre é bem-vindo. Vive decepções e tristezas ao constatar uma sociedade local não amigável. Nesse contexto, os excluídos desempenham papéis de subserviência. É disso que tratam as próximas poesias, enquanto as fotografias que as acompanham apresentam um outro quadro.



**Imagem 9** – Berlim, 1987 (KURT, 1999:39)



**Imagem 10** – Çorlu, 1981 (KURT, 1999:69)



**Imagem 12** – Istambul, 1986 (KURT, 1999:99)



**Imagem 11** – Berlim, 1986 (KURT, 1999:76)



**Imagem 13** – Hanover, 1986 (KURT, 1999:101)

Imagens que retratam sempre os díspares, porém diferentes que convivem em harmonia (Imagens 9, 10, 11, 12, 13). Diferenças geracionais, culturais, de cor de pele ou de posição social. Todos eles diferentes que se gostam e se relacionam. Ao observar tais imagens percebo suas semelhanças com os espaços percorridos por Kemal Kurt. Veio de Çorlu, na Tráquia, região onde indivíduos de diferentes origens convivem. Morou em Istambul, a ponte entre Oriente e Ocidente. Mais tarde, se estabeleceu em Berlim, cidade que, por mais de

quatro décadas, foi divisora de mundos, mas que há quase duas décadas vem buscando reuni-los. Portanto, se o convívio social fosse como mostrado nas imagens, a exclusão apresentada pelas poesias não existiria e a amizade se concretizaria entre os diferentes.

Kurt prossegue em sua descrição do mundo tratando das fronteiras existentes, as quais sempre têm dois lados – como mostra a foto que também é capa do livro (Imagem 14). Sua existência desconstrói qualquer idéia de liberdade, seja de qual lado se esteja. “Abaixo às fronteiras”, diz ele. E relata seu sonho, propondo um novo projeto de mundo: um mundo em festa, com muita mistura e convivência entre diferentes, onde é possível festejar a vida.



**Imagem 14** – Tijuana, 1999 (KURT, 1999:151)

Encerra a exposição de forma satírica, abordando temas como o não reconhecimento do trabalho alheio, a discriminação do outro, os conflitos entre Ocidente e Oriente, que impossibilitam a construção de uma humanidade mais rica. Insere imagens que apresentam estratégias encontradas pelas pessoas para driblar as dificuldades que se apresentam: velhice, desprivilegiadas condições sociais, limites geográficos, regimes políticos. Por ironia, nenhuma dessas imagens foi sacada na Alemanha. Seria uma lição a ser ainda aprendida pela sociedade na qual *Menschen.Orte* foi produzida e veiculada?

Satírico nas poesias, Kurt apresenta caminhos na poética visual, concluindo assim sua exposição, mas não sua crítica social. Essa permanece, na medida em que instiga o observador a pensar. “Ao observar inúmeras vezes suas fotografias, [o expectador] sonha com Kemal o seu sonho de uma sociedade de culturas que se enriquecem” (BÖSECK, 2004:4), torna-se co-autor do projeto de mundo por ele cunhado e está livre para inserir novos elementos que lhe pareçam pertinentes.

Desatrelados de gerações, os *intelectuais* da comunidade étnica turca na Alemanha há décadas vêm procurando “falar a verdade ao poder” (SAID, 2005:89). São indivíduos empenhados no senso crítico, na recusa a fórmulas fáceis ou a clichês pré-estabelecidos, ou a confirmações afáveis (SAID, 2005:35-36). Entretanto, embora engajados na desconstrução dos muros e fronteiras social e burocraticamente ainda existentes, permanecem identificados às representações sociais do ser-turco na Alemanha. Esse fato contribui para que, também eles, vivenciem *conflitos de identidade*. Em seu transitar diário, jogam, como as gerações mais jovens, com as diferentes identidades incorporadas por sua *transindividualidade*.

Kemal Kurt partiu, mas sua obra é presente. Suas imagens permanecem parte do mundo que nos rodeia. Muros, fronteiras, desrespeito, incompreensão, preconceito. Enquanto não houver solução para tais problemas, sua obra será atual. Nesse caso, eu prefiro que ela não permaneça atual pelo mundo que testemunha mas pelo mundo que, em suas ironias, demonstra querer construir.

#### **Referências bibliográficas:**

- BÖSEKE, Harry. *Was ist die Mehrzahl von Heimat?: Rede zur Ausstellungseröffnung – Kemal Kurt: Menschen.Orte*, Evangel.Akademie/Iserlohn, 31/01/2004.
- KURT, Kemal. **Menschen.Orte**. Berlin: Hitit Verlag, 1999.
- SAID, Edward W.. **Representações do Intelectual**. São Paulo: Cia das Letras, 2005.
- ŞEN, Faruk. *Türkische Minderheit in Deutschland*. In: BUNDESZENTRALE FÜR POLITISCHE BILDUNG (Hrg.). **Informationen zur politischen Bildung**. Oberschleißheim, Heft 277, 4. Quartal 2002.
- JASMIN, Mathilde. *Fremde Heimat: Zur Geschichte der Arbeitsmigration aus der Türkei*. In: MOTTE, Jan; OHLINGER, Rainer; VON OSWALD, Anne (Hrg.). **50 Jahre Bundesrepublik – 50 Jahre Einwanderung**. Frankfurt/Main; New York: Campus Verlag, 1999.